

Timor Leste, Junho, 2000

Agora está a escurecer. Saímos para a estrada que vai aos ziguezagues. Já passámos pela ponte da ribeira de Comoro; tantas vezes fiz aquele caminho, ia dar aulas à escola de S. Pedro, de padres filipinos, esses católicos minoritários no maior continente da Terra, que nunca integrou essa religião, como nunca a imensa China adoptou a batata.

A gaivota poisou-me no braço e ao longe era Liquiçá.

Como Díli, Baucau, Ocussi, foi queimada.

Todo este litoral único ficou cheio de pequenas cruces, com a imagem de Cristo, os tubarões devoraram quem antes, rezando, se agarrou às cruces, enquanto os matavam.

Isso encontrou um amigo médico na praia da Areia Branca, e contaram-lhe.

Houve lá tantos corais, em tempos. Depois foram explorados com granadas.

Há coisas tristes, outras alegres, doenças para todos os gostos.

Aqui na Ásia, entre o Índico e o Pacífico,

quem precisa de talheres se não tem nada para comer?

Alguns falam de futuros risonhos.

Há sempre, como noutra lugar qualquer, loucos que cantam, aqui os velhos beijam-nos as mãos.

Houve bandeiras portuguesas enterradas tantos anos, mas para quê?

Os contentores, em Março, cheios de postais do Natal passado, das crianças de Portugal.

Os pastores esperam com paciência os peixes. Virão ter connosco, sabem?

Neste pesadelo as crianças jogam futebol. O tempo passa e perdoa à culpa.

Matar um ou mil? - esquecerão, os próprios filhos esquecerão...

É gente. Gente capaz de estrangular, capaz de morder orelhas até fazer correr sangue; gente capaz de se comover num casamento, gente carinhosa com os animais, apicultores, criadores de pombos, tementes ao Deus único, crenes na punição e nos infernos, amam como todos os outros; são capazes de passar o tempo a pensar nos seus filhos. Não têm remorsos - mas porque deviam tê-los? Também eles são capazes de se julgarem pequenos perante a mulher que amam, a ela dizem que a não merecem. Também eles têm uma verdadeira adoração pelas suas mães. Também desejam paz e amor nas festas solenes.

Saio dali no pequeno avião brasileiro. Em 3 horas mudo de planeta e em Darwin vejo toda a televisão do mundo. Em todos os noticiários há tantos massacrados sem simpatias nem solidariedades. Até tinha esquecido estas coisas. Não deveremos pensar em relativizar um pouco? Sem anseios tontos, não deveremos compreender as diferenças culturais? Afinal a cultura é um conjunto de maneiras de captar o mundo, de o pensar e de agir. Comer cão é válido, comer barata depende do gosto. Temos de assimilar a pluralidade, o

mundo é múltiplo e assíncrono. Aqui voltamos a ver flores e jardins. Há cybercafés, come-se muito bem, a vida passa, até este fresco primaveril nos torna felizes. Há carros à venda (tão baratos e bons). Passeamos de noite, estamos num bom hotel. Depois há Qantas/British Airways até Londres. A minha filha espera; tinha razão [nunca soube quanta] quem me disse que quando de volta, pelo menos por uma vez, julgaria chegar ao paraíso.